

Adolescência: idealização e marginalidade*

Tiago Corbisier Matheus

Pensar no lugar ocupado pela adolescência em nossa sociedade atual permite pensar determinados aspectos da cultura que parecem ficar nela depositado. A adolescência parece ocupar em nossa sociedade atual um lugar contraditório e ambivalente. Por um lado, há uma idealização em torno de sua jovialidade, aparentemente em função da autonomia, “pureza” e sensualidade que possa representar. Por outro, de modo menos evidente, a adolescência parece trazer em si a ameaça do novo ao instituído. Pode-se pensar, a partir da perspectiva oferecida por Enriquez, na relação de poder entre as gerações – daqueles que supostamente são os “detentores da plenitude de direitos e de privilégios” e os mais jovens, que trazem a ameaça a este poder instituído. É neste sentido que, por exemplo, ora se escuta que os adolescentes são o “futuro da nação”, ora que são “irresponsáveis e irremediavelmente descomprometidos”. A incoerência destas mensagens recebidas impõe ao adolescente que se confronte com a estranheza que esta lhe causa. Como lugar possível de pertinência, cabe ao adolescente de alguma forma organizar-se a partir do que lhe foi oferecido, produzindo ativamente desdobramentos que representarão, necessariamente, tais conflitos.

Palavras-chave: Adolescência, geração, ideal, estrangeiro, ambivalência

Thinking of the place taken by the adolescence in our society at the present time allows us to think about some aspects of our culture that seem to be deposited in it. The adolescence seems to take a contradictory and ambiguous place in our society nowadays. On one hand, the joviality is idealized, apparently

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 8 a 12 de outubro, São Paulo.

related of the autonomy, purity and sensuality that might represent. On the other hand, in a less evident way, the adolescence seems to bring along the threat of the new to the established. It's possible to consider, from the perspective offered by Enriquez, the power relationship between generations – those who are supposedly the “the masters of the completeness of rights and privileges” and the younger ones, who bring the threat to this established power. This is the sense in what, for example, either you hear that the adolescents are the “future of the nation” or that they are “irresponsible and irreparably unconcerned”. The incoherence of these messages imposes to the adolescent the confrontation to the strangeness that it causes him/her. As a possible belonging place, some way of organization from what was given to him/her is up to the adolescent, producing, actively, consequences that will represent, necessarily, such conflicts.

Key words: Adolescence, generation, ideal, foreigner, ambiguity

A sociedade moderna, sustentada pela organização capitalista e pautada pela proposta democrática, se depara com a contradição e complementaridade entre a igualdade que preconiza e a desigualdade que reproduz. O capitalismo depende do ideal igualitário legitimado pela democracia (Enriquez, 1995; p. 9): a crença no modelo de homem racional, e portanto, autônomo, é necessária para que as desigualdades sociais sejam aceitas ou mesmo defendidas – dizem “quem quer, chega lá”. Assim, Enriquez entende que “uma sociedade de igualdade é também uma sociedade de conflitos” (Enriquez, 1990; p. 250), onde subsiste, desde a origem, uma luta interminável entre seus membros, numa disputa pelos lugares de dominação a serem distribuídos entre os (des)semelhantes. Para este autor, a sociedade moderna forma uma rede de relações assimétricas encoberta sob o discurso igualitário, na

qual determinadas diferenças (de categorias) permitem que se estabeleçam e justifiquem as desigualdades sociais constantemente dissimuladas (ibid., p. 169). Algumas destas diferenças (de categorias), tais como as etnias ou as religiões, apresentam menor permeabilidade à migração entre os membros de um segmento ao outro. No caso da diferença entre gerações, é prevista uma passagem gradual dos membros de um a outro grupo, o que torna ainda mais complexo o tipo de vínculo que aí se estabelece entre mais velhos e mais jovens, pois aquele que se encontra no lugar de submetido tem a promessa de futuramente ver invertida sua posição. Este vínculo será tratado aqui a partir do processo intermediário que separa mais velhos e mais jovens, a saber, a adolescência. Enquanto fenômeno resultante do processo de passagem do universo infantil ao adulto¹, a adolescência sofre as vicis-

1. Sobre a dimensão do processo psíquico exigido pela adolescência, ver R. Ruffino. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In C.R. Rappaport (coord). *Adolescência – Abordagem psicanalítica*. São Paulo, EPU, 1993. p. 36.

situações que este processo implica e vive os conflitos que permeiam o vínculo entre as gerações.²

O adolescente busca negociar sua inserção no universo adulto, produzindo projetos de transformação deste em troca da (tensa) submissão às normas instituídas. Na luta entre semelhantes, o candidato a novo membro busca se impor, a fim de conquistar espaço próprio e reconhecimento. Mas, para ter acesso ao lugar daqueles que compartilham o (em parte suposto) poder, é preciso que dê mostras de submissão, reproduzindo a lei social.

Como candidato a semelhante dos “detentores da plenitude de direitos e de privilégios”, ora é visto como ameaça, ora como esperança. Por um lado, para a geração precedente, o adolescente representa o risco de mudança e ruptura – à ordem, às crenças e às normas. Traz consigo a ameaça da destituição do lugar que o adulto ocupa: “... em todas as sociedades, mesmo as mais primitivas, os jovens representam a força de invenção e de contestação” (Enriquez, 1990; p. 215). Neste momento, o adulto vê no adolescente sua própria morte, a finitude de seus anseios e daquilo que não pôde realizar.

Por outro lado, o adolescente é a esperança de levar adiante o ideal não realizado do adulto. Sua imagem é sedutora pois encanta pelo que ainda não é, mas pode *vir a ser*. Sua indeterminação é terreno fértil às múltiplas projeções do

adulto, que aí se sobrepõem, constituindo a idealização que faz do mais jovem. No entanto, e por isso mesmo, a imagem se torna, concomitantemente, ideal cultuado e sinal de perigo, uma vez que adquire, no olhar do outro, a potência ameaçadora da realização do impossível.

O adolescente é, aqui, *estrangeiro*: é o outro que incomoda, pelo projeto que porta e busca concretizar, pois, como diz Koltai (1998; p. 106), “... o estrangeiro aparece quase sempre como representante (do) gozo: seja ele aquele que rejeitamos, ou aquele que supomos no outro”. O adolescente é objeto de investimento ambivalente: a promessa que representa é fonte de admiração e de ódio. Admiração na medida em que carrega os anseios da geração precedente – e neste sentido é objeto do amor narcísico do outro; e ódio, quando não pode ser receptáculo das projeções dos que o antecedem, por não se submeter plenamente às suas expectativas e controle. De objeto idealizado o adolescente facilmente transforma-se em objeto de ódio, bode expiatório para questões que a geração precedente não consegue resolver. O adolescente pode ser criticado, recriminado, atacado, numa intensidade ainda maior do que enaltecido, uma vez que as forças destrutivas que percorrem o vínculo social, quando mobilizadas, tendem a ser ainda mais eficazes em sua potência que as forças de unificação (e.g. Enriquez, 1990; p.

2. Sobre a noção de geração em sentido ampliado, ver H. Abramo. *Cenas Juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta, 1994. p. 47.

150). Basta lembrar os altos índices de assassinatos de jovens, tanto em São Paulo quanto no Brasil. Ainda que sabido, tais lembranças tendem a ser esquecidas. A idéia do jovem morto aterroriza na medida em que subverte a ordem das gerações, pois cria um hiato na dinâmica das projeções e obriga à geração precedente assumir a falta de perspectivas de sua cultura. O jogo de sedução e disputa entre as gerações depende da sobrevivência de seus participantes.

A geração adolescente é depositária de conflitos e questões as quais as gerações anteriores se percebem incapazes de sustentar (Matheus, 1999; p. 150). Na medida em que o adolescente se apresenta como aspirante a membro do universo adulto, constitui particular receptáculo para aquelas projeções. No entanto, não se mostra disposto a simplesmente reproduzir o que lhe é proposto, carregando o fardo que lhe foi delegado. Reage ativamente, procurando marcar sua singularidade. Na medida em que sua inserção no mundo adulto parece depender da submissão, resta produzir algo distinto a partir deste imposto. Ou seja, o adolescente tende a se identificar com as imagens que lhe são projetadas para, a partir daí, transformá-las, particularizando-as, reformulando-as de tal forma que se perceba sujeito agente no acordo que o corpo social lhe propõe.

A fim de investigar que imagens são atualmente projetadas na geração adolescente deste final de década, foram escolhidos dois retratos publicados por

um jornal diário de circulação nacional. Pretende-se, com isso, investigar as mensagens produzidas a partir de tais imagens.

Na manchete de *O Estado de S. Paulo* de 22 de agosto de 1999, em meio às notícias, consta uma fotografia de um rapaz jogando golfe num descampado. Embaixo, os dizeres: “Campo dos sonhos – morador da favela Jardim Silvina, em São Bernardo, treina golfe entre os barracos, onde vivem adolescentes empregados num clube da cidade como *caddies*, os carregadores de tacos. p. C5”. A mensagem é emblemática: como entender a atitude do jovem? Que sonho é este? Como terá tido acesso ao material de golfe tão caro? É preciso ir até a página C5. Mas a fantasia é impaciente e rapidamente busca formular hipóteses que expliquem o mistério, antes mesmo de conferir a notícia: terá um dos *caddies* se apropriado indevidamente do material alheio a fim de ser ele o privilegiado na prática daquele esporte? A conclusão parece certa: trata-se de mais uma vítima do sistema, um jovem que, confrontado com a desigualdade social, não resistiu à pressão; ainda que estivesse se esforçando para encontrar uma forma de inserção social adequada, era inevitável que cedesse às pressões para adquirir instrumentos que prometem acesso ao bem-estar idealizado. Roubar tacos e bolinhas e jogar golfe, na favela, em meio às antenas parabólicas, é a consequência inevitável de um universo injusto, constata o ágil leitor.

De acordo com seu entendimento dos problemas sociais, logo conclui: é pre-

ciso oferecer oportunidades educacionais significativas para estes jovens. Ou ainda, numa atitude menos complacente: é preciso fazer valer a lei e evitar o banditismo, a infração se tornou banal e estamos próximos ao caos. Por fim, generaliza: a difusão da delinqüência desponta como ameaça principalmente em meio aos jovens desocupados ou sem perspectivas.³

Ainda que se considere que o jovem é fruto do meio injusto em que vive, a relação que suscita entre o leitor e o jovem é de ameaça. Este jovem (aparentemente) delinqüente, inquieta e incomoda, na disposição ao gozo dos privilégios da sociedade moderna e na insubordinação que anuncia. Um jovem que joga golfe na favela ameaça a ordem na medida em que não seguiu a seqüência esperada: estudar, trabalhar, economizar, conquistar os marcos legítimos da estruturação social (tais como moradia digna, cartão de crédito etc.) para então poder usufruir do lazer (não mais supérfluo, agora usufruto merecido). O jovem marginalizado é percebido como delinqüente, e assim tende a ser objeto do ódio coletivo, uma vez que é identificado com conflitos e injustiças do corpo social. Neste instante, a perspectiva de sua destruição representa imaginariamente o fim do problema. O momento seguinte, no entanto, exige o lamento e a dor frente ao assassinato cometido.

Outra imagem. Na capa de uma reportagem sobre drogas, no jornal de 19 de setembro de 1999, a silhueta incerta de um jovem, envolto num manto, olhando para o alto, é reproduzida quatro vezes, sob ângulos distintos, anunciam a fragmentação da imagem caleidoscópica vivida pelo usuário de drogas. Menos misteriosa, esta imagem denuncia ao leitor a condição de carência generalizada na qual se encontram os menos favorecidos. Pesar e culpa são reações possíveis a imagens tais como estas. A impotência frente à dimensão do problema gera no leitor mais melancolia do que a inquietação provocada pela foto do *caddie*. Melancolia por se deparar com perdas (sociais) irreparáveis, vendo-se o leitor sem condições ou recursos pessoais para alterar tal *realidade*. Melancolia por deparar-se com as desigualdades sociais, das quais ele próprio participa ao lembrar de um outro jovem ou criança que, *bem-nascido*, não se encontra na mesma condição. Percebe que este outro afortunado assim se encontra por ser seu próprio filho e ter o privilégio do amor (salvador) parental (e.g., Calligaris, 1992; p. 46). Ou seja, ao pena do marginalizado, reaviva a fantasia de que ele próprio, leitor, com seu amor onipotente, poderia ter oferecido outro caminho ao jovem abandonado. A imagem de desamparo do jovem, mártir (do assassinato social) é necessária para

3. Aqueles que chegaram à página C5, puderam constatar que o caso não descrevia qualquer delinqüência. Tratavam-se de jovens que recebiam material usado e os utilizavam em seu horário disponível, no sonho de um dia ter o desempenho que lhes permitisse ascender socialmente.

a glorificação dos outros, *bem-nascidos*, que terão a tarefa de salvar (no discurso oficial) a condição dos demais.

A imagem do jovem abandonado é o reverso complementar da imagem idealizada do adolescente. É a expiação que sustenta esta idealização. No entanto, caso este representante do abandono de nossa sociedade em relação ao espaço público, saia de sua condição passiva e demonstre sua revolta, facilmente será transformado de mártir em vilão, justificando então o ódio que lhe é dirigido. Caso seja anunciado que este drogado é mais um dos fugitivos da Febem, tratando-se então de um daqueles que pode se transformar em ameaça na próxima esquina, a compaixão logo se transforma em pavor e autoritarismo. Ameaça à (des)ordem social e à própria integridade (física e psíquica) do representante da ordem.

Uma terceira imagem foi omitida, por ser a mais lembrada e enaltecida. A imagem do belo jovem, pleno e intocado. Seduz e encanta por representar a perfeição irrealizada pelo adulto. A divulgação desta imagem, indefinidamente reproduzida pela mídia, oferece experiências especulares narcísicas aos leitores que aí gozam. Gozam no reflexo que apaixona e paralisa o percurso do tempo.

O adulto seduz o adolescente para ocupar o lugar da sedução. Ao fazer do adolescente modelo de beleza, objeto de seu gozo, é possível ao adulto resgatar seu ideal de completude infantil (ego ideal). Mas, também, é um meio de destituir o adolescente de seu potencial disruptivo.

O espaço crescente que vem sendo dado ao tema da adolescência na mídia, pode ser também resultado da tomada de consciência por parte da nossa sociedade da importância do jovem no corpo social. No entanto, se considerarmos os programas de televisão para adolescentes, as revistas especializadas sobre e para adolescentes, além dos produtos de consumo que lhes são destinados, percebe-se que não se trata somente de uma proposta de reorganização do corpo social. Trata-se não só de mais um nicho de mercado, como também uma forma de abafar ou circunscrever o potencial disruptivo ou transformador que emerge com a adolescência. Há uma sedução do jovem para que este ocupe um lugar de destaque (suposto) na sociedade e que, ao fazê-lo, seja controlado de acordo com os valores vigentes na organização capitalista.

O espaço proposto ao adolescente pela geração que o precede é ambíguo, na medida em que deve permitir a projeção do ambivalente conteúdo que incomoda, mas não é reconhecido. É também um lugar restrito, pois busca-se canalizar ou controlar o perigo e a inquietação percebida na adolescência. No final do milênio, momento em que a temática da finitude é ainda mais enfatizada pelo imaginário do senso comum, o adolescente é destacado e percebido como representante das expectativas que a sociedade possui para si mesma. Por um lado é metáfora de uma jovialidade intocada, bela e ingênua, que a geração precedente idealiza para si; cultivar a mais nova é um meio de negar, no espelho, as mar-

cas de sua própria finitude. Por outro, o adolescente, quando percebido como descomprometido ou anti-social, é alvo da rebeldia recalcada de adulto que se viu na incumbência (nem sempre assumida) de se responsabilizar pela organização do corpo social; denunciar o individualismo no mais jovem é um meio de expiar o próprio alheamento.

O adolescente é *estrangeiro*. Com seu dizer inquietante e de denúncia, põe em xeque o instituído. Enquanto sintoma da organização social, incomoda. Seu enaltecimento é tentativa de aprisionamento. Situa-lo no papel principal, promulgando-o como modelo de beleza e de comportamento, é uma forma de extrair sua diferença, negar-lhe a possibilidade de ser escutado. É também, expressão da falta de perspectivas com que se depara a geração precedente que, por isso, necessita de um *estrangeiro* para ser, concomitantemente, salvação e bode expiatório, modelo, herói e vilão, de acordo com as circunstâncias. Todavia, para quem quer escutar, o adolescente continuará, ainda que enquanto sintoma,

manifestando aquilo que os que ocupam um lugar *seguro* no instituído, procuram esquecer. Quem puder, que dialogue. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLIGARIS, C. *Hello Brasil!*: notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 1992.
- ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Trad. T. C. Carreiro e J. Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. Prefácio. In DAVEL, E.; VASCONCELOS, J. "*Recursos humanos*" e *subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KOLTAI, C. A segregação, uma questão para o analista. In KOLTAI, C. (org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 1998.
- MATHEUS, T. C. O Ideal na adolescência como formação de compromisso entre gerações. In *O adolescente e a modernidade* / Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

Artigo recebido em setembro de 2000.

Visite a papelaria da *Livraria Pulsional*

Sempre com promoções e bons preços.

Rua Dr. Homem de Mello, 351

05007-001 São Paulo, SP

Fonofax: (11) 3672-8345 / 3675-1190 / 3865-8950

e-mail: pulsiona@uol.com.br